

## ENSINO HÍBRIDO, EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA: DO POSSÍVEL AO REALIZADO



### Entrevista com Airton Araújo Souza Júnior

Por Aline Christiane Oliveira Souza <sup>1</sup>  
Claudio Zarate Sanavria <sup>2</sup>

Airton Araújo Souza Júnior<sup>3</sup> é professor do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) – Campus Parnamirim – desde 2009, atuando no Ensino Médio Integrado e na pós-graduação em Ensino de Ciências Naturais e Matemática. Concluiu mestrado na UNIFESP, na área de biotecnologia e, atualmente, cursa doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, desenvolvendo a tese Ensino Híbrido e Gamificação Aplicado ao Ensino de Bioquímica. Na área de Educação, tem experiência no ensino mediado pelas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), atuando com Ensino Híbrido (sala de aula

<sup>1</sup> Pedagoga do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS), Campus Nova Andradina. Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), IFMS - Campus Campo Grande. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). E-mail: [aline.souza@ifms.edu.br](mailto:aline.souza@ifms.edu.br). ORCID <https://orcid.org/0000-0001-7791-2559>

<sup>2</sup> Professor do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS), Campus Nova Andradina. Doutor em Educação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). E-mail: [claudio.sanavria@ifms.edu.br](mailto:claudio.sanavria@ifms.edu.br). ORCID <https://orcid.org/0000-0002-4664-4421>

\*Esta entrevista foi realizada oralmente no dia 25 de março de 2021 e, posteriormente, transcrita pelos entrevistadores.

<sup>3</sup> Professor do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) – Campus Parnamirim. Mestre pela UNIFESP, na área de biotecnologia e doutorando na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, desenvolvendo a tese Ensino Híbrido e Gamificação Aplicado ao Ensino de Bioquímica. E-mail: [airton.junior@ifrn.edu.br](mailto:airton.junior@ifrn.edu.br). ORCID <https://orcid.org/0000-0001-6391-9418>

invertida), Ensino Remoto e Educação a Distância. Ademais, realiza projetos de ensino na educação básica e superior relacionados ao uso de metodologias ativas, Sala de Aula Invertida e Gamificação, estudos de potencialidades das TDIC nos municípios do RN e uso das redes sociais e ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) para o ensino de ciências. Por fim, atua na formação de professores da educação básica e superior promovendo cursos nas áreas acima descritas.

Em sua trajetória, estuda o Ensino Híbrido desde 2014, quando lecionava no curso de Mecatrônica. Nesse período, percebeu o baixo engajamento dos estudantes nas suas aulas e, quando questionados a respeito, estes relataram que, apesar de gostarem das aulas, eles entendiam que necessitavam da disciplina de Biologia “apenas” para o ENEM. Intrigado, ele percebeu que precisava mudar/innovar suas aulas e, assim, começou a estudar alternativas inovadoras de intervenção para salas de aulas.

Como o apoio integral do seu campus, iniciou alguns projetos-pilotos e visitou algumas instituições que possuíam vivências de implantação de Ensino Híbrido. O seu entusiasmo pelo assunto foi aumentando à medida em que era convidado para proferir palestras acerca do tema. Após algum tempo, alguns professores da UFRN o incentivaram a mudar o foco de sua pesquisa para Ensino no seu doutorado. Assim, em 2017, ingressou no Programa de Pós-graduação em Bioquímica da UFRN com o projeto de tese propondo o Ensino Híbrido gamificado para o Ensino de Bioquímica. Na época, o Departamento de Bioquímica foi vanguardista no tema da tese e teve apoio do programa para realizar visitas técnicas a instituições de ensino superior fora do país que tinham experiências exitosas com Ensino Híbrido.

Durante esse tempo, proferiu várias palestras no estado do Rio Grande do Norte e muitos colegas professores ficavam entusiasmados com a proposta. Contudo, ele ouvia sempre as mesmas falas: “Ah! Legal o que você faz, mas não dá para mim. Eu não tenho tempo para preparar novas abordagens de aulas”. Segundo ele, sempre existia certa resistência. Entretanto, destaca que tudo mudou com a pandemia. No início desse período, em 2020, estava no Canadá estudando experiências inovadoras de avaliação para essa modalidade, quando teve que voltar rapidamente para o Brasil. Chegando aqui, deparou-se com cenário de grande demanda quanto a alternativas metodológicas. “Minha vida virou de ponta cabeça, porque foram procurar quem tinha

tese registrada em Ensino Híbrido e [...] fui sendo convidado para ministrar cursos e proferir palestras. Sabia que tinha que escrever minha tese e, junto com o meu orientador, entendemos que era o momento de compartilharmos e sermos solidários com os colegas. Enfim, as coisas estão se acalmando agora de fato, mas no mês de julho e agosto do ano passado [2020] foi algo surreal".

Durante suas palestras e cursos, o professor Airton passou a observar uma mudança de perfil no seu público: se antes existia uma certa resistência, agora percebe uma aceitação e entendimento da necessidade de se implantarem novas formas de ensinar. Quanto a isso, destaca: "O que eu imaginava que ia acontecer em 10, 20 anos, foi assim, de imediato! Eu vi a importância do investimento em uma pesquisa, da necessidade de os cientistas serem vanguardistas, porque nunca sabemos quando irá acontecer algo inesperado, um 'cisne negro' como foi a pandemia. Apesar da intensidade, está sendo uma experiência muito gratificante e gloriosa".

Trazemos, a seguir, um bate-papo no qual o professor Airton reflete sobre os conceitos relacionados ao Ensino Híbrido, Ensino Remoto e Educação a Distância e analisa o que tem sido realizado nestes tempos de pandemia, inter-relacionando com as possibilidades metodológicas abertas pelo contexto no qual nos encontramos.

**Pergunta:** *Para início de conversa, e com suas palavras, defina para nós o que vem a ser o Ensino Remoto? Existem diferenças entre o Ensino Remoto e o Ensino à Distância?*

**Airton Araújo Souza Júnior:** Eu vou começar pelo Ensino a Distância, com o qual basicamente quase todos nós já temos uma certa vivência. O Ensino a Distância é um ensino pensado para a massificação e a padronização. E isso não é ruim. Eu quero deixar isso muito claro: que a massificação e padronização não é ruim. O importante é que as pessoas entendam que é uma concepção diferente do ensino remoto.

Um exemplo: suponhamos que um professor da [universidade] Harvard decida aplicar um curso a distância, de 6 meses, sobre inteligência artificial de alto nível. Imagine que ele abriu o curso, 50.000 alunos se matricularam, mas apenas 5.000 concluíram o curso. Geralmente, a primeira afirmação que fazem é "a taxa de evasão é altíssima, esse curso não tem qualidade". Mas você tem que avaliar sob outra ótica,

ou seja, ele conseguiu formar 5.000 pessoas em inteligência artificial em apenas 6 meses, coisa que levaria anos para se formar se fosse usado o método tradicional com 60 alunos em sala de aula.

Então, quando se entende a Educação a Distância, ela tem essa concepção – de massificação, de democratização do acesso, cujas pessoas têm acesso a uma formação mais adequada à rotina e às condições delas. Contudo, uma modalidade que exige do aluno uma alta capacidade de autonomia, é isso, ou aluno adquire durante o processo ou ele já possui. É por isso que, muitas vezes, a Educação a Distância sofre algum preconceito, pois muitos entendem que, em toda a modalidade de educação, o professor deva ser o centro da condução e aprendizado do aluno. Em outras palavras, muitos julgam que não há espaço na educação para que o aluno seja autônomo. Essa concepção vem do ensino presencial e é nesse momento que o erro acontece: quando reproduzimos a concepção de ensino e aprendizagem do presencial dentro do Ensino a Distância.

Isto posto, vamos agora para o Ensino Remoto. O que é o Ensino Remoto? Não é um ensino de massificação e tem um caráter mais de personalização. É um ensino no qual o professor tem que ter em mente que o seu aluno não tem ainda total autonomia para o assunto. Então, o professor não pode apenas chegar e dar o conteúdo e deixar o aluno “se virar”. Essa é uma das razões dos casos de insucesso: o conflito de concepções. Muitas vezes, no ensino remoto, o professor mistura as concepções do ensino presencial com a do Ensino a Distância e não faz nem uma coisa, nem outra. Então, quando se fala em Ensino Remoto é necessário ter uma visão mais personalizada para o aluno e não a massificação.

Outra diferença é que, na Educação a Distância (EaD), geralmente o aluno não conhece o professor presencialmente, pois existe o professor conteudista<sup>4</sup> (elaborador de conteúdo) que produz um material didático (recursos de aprendizagem) e que não interage com o aluno. Esse papel [interação] é feito por outro professor, chamado de tutor. Sou ciente que, em muitas universidades públicas, o professor conteudista é também o professor tutor, e que ele promove um ensino mais personalizado. Porém, temos que ter uma visão ampla, pois essa realidade não ocorre em todas as aplicações de Ensino a Distância do Brasil e do mundo. No mercado privado mundial,

---

<sup>4</sup> Alguns chamam de professor elaborador, professor-autor.

muitas vezes, o professor conteudista é contratado para produzir objetos educacionais que são aplicados para milhares de alunos e, em alguns casos, o aluno chega a ser tutorado por robôs (inteligência artificial). Em resumo, no ensino remoto geralmente o aluno conhece o professor e o professor sabe quem é o aluno. Então, veja que é diferente.

Então! Volto a repetir, isso não é ruim, depende do que e para que você planejou. Você quer massificar? Por exemplo, a Educação a Distância seria uma ótima opção para o momento que estamos vivendo, ou seja, seria ótimo para massificar treinamentos, em um curto espaço de tempo, para os professores sobre o Ensino Remoto.

Por fim, enquanto na Educação a Distância as aulas são, essencialmente e, geralmente, assíncronas (tanto para o professor como para o aluno), no ensino remoto as aulas são, essencialmente e, geralmente, síncronas. Mas o que são aulas assíncronas e aulas síncronas? Nas aulas assíncronas os alunos e professores interagem em tempo diferentes e o professor tem um acompanhamento não simultâneo. Contudo, nos momentos assíncronos os alunos podem utilizar os recursos educacionais disponibilizados pelo professor de acordo com sua rotina familiar e/ou profissional. Já nas aulas síncronas os alunos e professores interagem ao mesmo tempo e o professor tem um acompanhamento simultâneo, porém, muitas vezes, o aluno tem que adaptar a sua rotina para ter acesso a todos os recursos disponibilizados pelo professor. Ou seja, na maioria das aplicações de ensino remoto, durante a pandemia, geralmente tem-se utilizado momentos síncronos no mesmo horário que seria na escola, como, por exemplo, das 7h às 12h. Novamente vemos a reprodução de abordagem de um ensino presencial sem uma adaptação para o ambiente *online* (remoto).

E o que eles [Ensino Remoto e Educação a Distância] têm em comum? O que eles têm em comum é o uso dos mesmos recursos. As ferramentas que o professor utiliza para EaD, ele pode utilizar no Ensino Remoto e vice-versa. O professor da Educação a Distância pode utilizar ferramentas colaborativas, ferramentas para eventos síncronos, como Google Meet®. Então, os recursos não são diferentes, mas as estratégias, concepções e abordagens são, ou seja, os recursos podem ser os mesmos, mas as concepções são diferentes. Isto posto, existem várias causas para

os casos de insucessos do Ensino Remoto. Poderíamos passar o dia elencando-os, mas, basicamente, eu quero destacar três aspectos:

Primeiro, *a falta de formação do professor e do aluno*. Sim, o estudante deve ter momentos de formação para essa modalidade. Vejamos, de uma hora para outra, o professor e o aluno foram deslocados de sua sala de aula para ficarem diante de um computador. O que o professor vai fazer? Sem formação, ele vai fazer o que sabe melhor: reproduzir o seu jeito de dar aula presencial, dentro do mundo *online*. Esse é o maior erro! A linguagem e a forma com as quais você tem que apresentar o conteúdo para o aluno, no ambiente *online*, devem ser diferentes. Isso também é um erro muito comum na Educação a Distância, quando o professor conteudista, tenta produzir um conteúdo, reproduzindo a sua aula presencial, da mesma maneira. Também não dá muito certo.

Nessa mesma linha, o que o aluno irá fazer? Sem formação, ele irá fazer o que sabe melhor: reproduzir seu comportamento de aluno presencial dentro de um mundo *online*, ou seja, o aluno reproduzirá a passividade na aprendizagem do ensino presencial, em uma modalidade que exige exatamente o contrário – um estudante ativo no processo de aprendizagem. Imagine anos de herança de um perfil passivo serem confrontados por um perfil ativo de uma hora para outra.

Por fim, pela falta de formação, o professor tenta reproduzir sua prova avaliativa, do mundo presencial, dentro do mundo online. Também não vai dar certo! Novamente é essa reprodutibilidade o cerne do problema. Sou ciente de que poderia passar horas falando de outros fatores, tais como: acesso à internet, rotina familiar, acesso a dispositivos eletrônicos e a questão emocional que estamos vivendo. Por isso, pela necessidade de foco, vou partir para explicar a segunda causa que quero destacar: a *tecnofobia*, que é o medo e a angústia da tecnologia, de se expor.

Por exemplo: eu atendi vários professores que entraram em contato comigo, desesperados. Eles tinham medo de colocar os vídeos no YouTube®, de gravar videoaulas e de gaguejar, medo de falar palavras erradas. Eu sempre digo ao professor que, no ensino remoto, o aluno quer ver o professor com suas imperfeições. Ele não quer um professor robotizado, artificial. Ele geralmente conhece o seu professor e o quer com sua dislexia, com sua gagueira, com sua voz gasguita, com o seu “jeito doido” de dar aula. Então, o professor não precisa criar conteúdos digitais

para concorrer a um Oscar. Não! O que o aluno quer é a sua didática. Por isso, ao invés de se concentrar e gastar horas editando vídeo, o professor deve se concentrar na didática, em como vai "entregar" aquele conteúdo para o aluno. O professor deve focar em converter sua didática do ensino presencial para o mundo *online*. Lógico que é bom o professor procurar ter um mínimo de estrutura! Quando eu digo um mínimo de estrutura, é um computador e um bom microfone. Isso resolve! E uma boa internet, logicamente.

Por fim, a terceira causa, *a concentração das aulas completamente síncronas*, ou seja, o aluno tem aulas das sete horas ao meio-dia e, por isso, tem que estar em frente ao computador por todo esse tempo. Quantos problemas existem nisso? Será que o aluno tem dispositivos para passar este tempo todinho? Será que ele não tem que revezar o uso de tais instrumentos com o irmão em casa ou com a mãe em um *home office*? Será que, na rotina familiar, aquela criança ou aquele adolescente tem que ajudar a mãe nos afazeres de casa como, por exemplo, cuidando de um avô, enquanto a mãe trabalha?

Eu penso que o ideal seria a combinação do que há de melhor do assíncrono com o que há de melhor do síncrono. Nas minhas experiências estou tendo grandes resultados de engajamento e de aprendizagem quando eu oferto o conteúdo, primeiramente, por videoaulas de forma assíncrona e, num segundo momento, de modo síncrono. Por exemplo, numa aula sobre célula, no primeiro contato, o aluno assiste a uma videoaula conceituando o que é uma célula, tipos de células e partes da célula. Nessa videoaula eu foco no essencial do conteúdo, sou breve e direto. No momento síncrono, eu inicio com um questionário de cinco questões para identificar as fragilidades de aprendizagem oriundas da videoaula e foco a explicação na questão de maior índice de erros. Na sequência, eu aplico atividades interativas, nas quais o aluno aplica o conteúdo da célula. Observe que o segundo contato do conteúdo pelo aluno tem uma abordagem diferente. Então, eu penso que, no momento síncrono, o aluno deve ficar produzindo conteúdo digital, de preferência colaborativo, por meio de recursos ou ferramentas digitais que permitam ao professor acompanhar essa produção.

Então, o ensino remoto que eu adoto "bebe" um pouco de dois modelos do Ensino Híbrido: a sala de aula invertida e o *Virtual Enriquecido*. No *Virtual Enriquecido*,

o aluno tem momentos síncronos (presenciais) e assíncronos (*online*). A diferença é que ele escolhe o quanto ele quer de assíncrono e o quanto ele quer de síncrono. Na sala de aula invertida, o aluno tem a instrução do conteúdo (*online*) antes do momento síncrono (presencial). No Ensino Híbrido há pelo menos um momento presencial, que não é o caso do remoto. O Ensino Híbrido é pautado nas combinações (hibridizações), e foi a partir dos vários níveis de combinações (ambiente, estratégia, abordagem, objetivos, etc.) que configurei a minha proposta de Ensino Remoto.

**Pergunta:** *No contexto atual, nesse momento de pandemia, como poderemos definir o Ensino Híbrido?*

**Airton Araújo Souza Júnior:** Excelente pergunta, porque é outra confusão que fazem. O que é Ensino Híbrido? É um programa de educação formal. Isto posto, vou explicar, aqui no Brasil, geralmente os programas de educação formal que conhecemos são o ensino presencial, o semipresencial e o ensino a distância. Então, o ensino híbrido é um programa de educação formal configurado para que uma parte da formação seja *online*, e uma parte seja presencial e física. Contudo, muitos reduzem esse conceito aos aspectos físicos (*online* e presencial), mas esse conceito é mais amplo e contém uma hibridização, ou combinação, dos dois momentos (*online* e presencial), ou seja, o que acontece no *online* não deve ser reproduzido no físico e o que acontece no físico não pode ser reproduzido no *online*. Em outras palavras, o momento *online* deve conter estratégias e/ou abordagens que se combinem com as estratégias e/ou abordagens do momento presencial.

Vou dar um exemplo para tentar esclarecer melhor: Vamos hipotetizar uma universidade, em um curso de Arquitetura. Imagine que os alunos são distribuídos em semestres (primeiro semestre, segundo semestre e assim por diante) e a formação conteudista, básica da arquitetura, o aluno está tendo em Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Lá estão as disciplinas, distribuídas por semestre. Quando eles vão para o presencial, não vão para uma sala convencional, a sua sala de aula é um ambiente de aprendizagem (uma grande sala), na qual eles estão reunidos em grupos contendo alunos de diferentes semestres. Nesse ambiente, os professores, de todos os semestres, também estão presentes. Aí você vai dizer: Isso é loucura! O que é esse momento presencial? Nesse momento presencial os alunos estão divididos em



grupos (e aí depende da estratégia pedagógica daquele semestre), e cada grupo será responsável por desenvolver um projeto arquitetônico para algum espaço público – uma praça, por exemplo. Nesse ambiente, os professores têm um papel de orientador e conduzem a construção desse projeto ao longo de um semestre. Observe que esse ambiente presencial contém um processo de aprendizagem colaborativa e os alunos veteranos acabam ensinando os alunos mais novos.

Dessa forma, analisando o exemplo declarado, o momento presencial utiliza uma abordagem metodológica ativa chamada Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) e, no momento *online*, utiliza videoaulas, podcast, atividades, leituras, etc. Veja que os momentos se combinam e não se limitam a isso. Observe a combinação de perfis dos alunos e dos professores. No momento *online*, o professor é expositor de conteúdo e o aluno utiliza a sua capacidade autônoma de aprendizagem. Já no momento presencial o professor é orientador/tutor e o aluno já tem um perfil ativo e colaborativo.

Além disso, o momento presencial você tem uma cartela de possibilidades, que inclui *Aprendizagem Baseadas em Games, Aprendizagem Baseada em Times, Aprendizagem baseada em cenários, Cultura Maker, ensino investigativo etc.*

Isto posto, é importante ressaltar que esse exemplo contempla apenas um modelo de Ensino Híbrido. Segundo o livro *Blended Learning*<sup>5</sup> – uma das maiores referências no Ensino Híbrido – existem vários modelos: Rotação; *À la Carte*, *Flex* e o *Virtual Enriquecido*. Além disso, esses modelos são classificados em **modelos sustentados e modelos disruptivos**. O modelo sustentado (Rotação por Estações, Laboratório Rotacional e Sala de Aula Invertida) se adequa à nossa estrutura curricular, ao nosso plano de educação nacional e à maioria dos projetos políticos pedagógicos das instituições de educação. Já os modelos disruptivos (Rotação Individual; Modelo *À la Carte*, Modelo *Flex* e o Modelo *Virtual Enriquecido*) exigem uma série de reformas que vão desde alterações arquitetônicas das salas de aulas até reconfigurações de documentos, projetos pedagógicos e até profissionais, como a criação de um novo profissional chamado *Designer de Aprendizagem*.

---

<sup>5</sup> HORN, Michael B.; STAKER, Heather; CHRISTENSEN, Clayton. **Blended:** usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação. Tradução de Maria Cristina Gularte Monteiro. Revisão técnica de Adolfo Tanzi Neto e Lilian Bacich. Porto Alegre: Penso, 2015.

**PERGUNTA:** *O que está acontecendo hoje não pode ser definido como Ensino Híbrido?*

**Airton Araújo Souza Júnior:** Agora, pelo que tenho de conhecimento das escolas que estão dizendo que estão fazendo Ensino Híbrido, eu penso que não. Mantendo a didática do exemplo, vamos para mais um deles: após a primeira onda da pandemia no Brasil, algumas escolas particulares adotaram Ensino Híbrido. No *design* dessa proposta, a turma é dividida em dois grupos: pares e ímpares. Os pares ficam em casa, assistindo aulas *online* e os ímpares ficam na escola, assistindo presencialmente, que é transmitido via web [para os que estão *online*]. Diante das exigências de combinações do Ensino Híbrido, esse *design* é baseado na reprodutibilidade do ambiente presencial para o ambiente *online*. Não há combinação.

Então, veja bem, voltamos ao problema já citado. O professor está dando aula dentro da escola, presencialmente, e essa aula é transmitida na íntegra para o momento *online*, ou seja, a gente volta para o início da nossa entrevista onde eu falei: a reprodutibilidade do momento presencial, dentro do momento *online*.

Por fim, isso é Ensino Híbrido? Se você for reducionista no conceito, dizendo que o Ensino Híbrido contém um momento no ambiente físico e outro no ambiente *online*, ok. Mas, atenção: o conceito não se resume a isso! Observe que os momentos não estão combinados, mas sim sendo reprodutíveis. Entende a diferença? Inclusive o termo *Blended Learning*, que é traduzido no Brasil como Ensino Híbrido, na verdade poderia ser Aprendizagem Combinada. Portanto, o que se está se dizendo é que o Ensino Híbrido, na verdade, são aulas simultâneas para ambientes diferentes ou ensino alternado ou revezado. Então, que estratégias são melhores para os momentos *online*? Que estratégias são melhores para os momentos presenciais? Que estratégias são melhores para cada momento? Que objetivos eu quero para cada momento? Eu tenho que escolher os objetivos e combiná-los. Assim, não se divide os alunos e se reproduz o que está num no outro. O que vai acontecer? Insucessos! E o aluno vai escolher entre assistir só *online* ou assistir só presencial.

**PERGUNTA:** *Qual seria o papel do professor nesse momento de pandemia?*

**Airton Araújo Souza Júnior:** Primeiramente, respirar fundo! Ter calma! Porque num momento de pandemia, não existe nenhuma estratégia 100% pronta. Vamos aprender a “trocar o pneu do carro com o carro andando”. Isso é a primeira coisa.

Então, o professor tem que entender que ele não está com as soluções prontas. Ele tem que entender que não teve formação para isso e passar isso para os alunos. Eu estou tentando fazer o que eu posso, o que eu consigo, estamos no mesmo barco e vamos juntos!

A primeira coisa que o professor tem que ter é empatia. Com ele mesmo! É engraçado porque as pessoas falam em empatia com os outros, mas o professor nesse momento precisa ter empatia com ele (não sei se esse seria o adequado). A segunda é ter empatia com os alunos. No momento de pandemia, no Ensino Remoto, a empatia tem que estar no maior nível possível entre os atores do processo.

A segunda coisa é o professor tentar se formar, trocar experiências. Eu penso na montagem de uma rede colaborativa para troca de experiências e soluções. Por outro lado, o professor tem que entender que não pode buscar fórmulas 100% prontas e milagrosas, pois o fazer docente irá se processar, se orientar, ao longo do processo. O fato de experimentar e vivenciar os momentos de sucesso e insucesso é que vai refinar o seu processo, igual como foi na nossa vida docente. Por exemplo, vamos reviver o início do no nosso exercício docente: raros foram aqueles que tiveram sucesso no início. Hoje, somos um produto dos nossos sucessos e insucessos que foram refinados ao longo de vários anos, ao longo de várias tentativas, lidando com os conflitos dos acertos e erros. Então, eu penso que precisamos recapitular aquele jovem professor (o meu eu professor antigo). Já vivemos isso, já vivemos momentos de incertezas e refinamentos. Nós já experimentamos. Então, é ter calma e colocar em cena toda a nossa experiência, e não criar grandes expectativas. Logo, não se cobre a ter sucesso no início. Não queira gravar um vídeo que vai ganhar o Oscar, pois não somos diretores, não somos atores, não somos jornalistas, não somos profissionais audiovisuais. Somos professores! O que sabemos é dar aulas. Então, tranquilize-se, ligue sua *webcam* se quiser. Se não quiser, não ligue. Vou parafrasear: o essencial está invisível aos olhos, professor, que é o seu coração, o seu fazer docente, e é isso que o aluno quer.

Já estamos vivendo muitas perdas. Falo isso porque, algumas vezes, o professor adora audiência. Ele simplesmente ama quando o aluno está prestando atenção nele, ou ver os olhos do aluno brilhando com o que está falando. Isso é uma dádiva! E o que aconteceu? O professor perdeu isso no ensino remoto, esses olhos brilhando, essa audiência. O professor tem que entender que ele vai procurar isso de outras formas, pois o aluno não vai ligar a câmera e não o fará por vários motivos. Então, é preciso ter estratégias para ter isso por um *chat*, por um *check in* (que é um recurso no ensino remoto).

Diante disso, o conselho que dou é [buscar a] ressignificação de perfil, pois perdemos a nossa audiência. Perdemos o contato com o aluno. Perdemos a nossa sala de aula e, de repente, ganhamos um mundo que não conhecemos. Essa ressignificação, para alguns professores, é uma troca de camisa, mas, para outros, é uma troca de pele, traumática, dolorosa. Para alguns chega a ser torturante. Por isso, os professores acabam desenvolvendo crises de ansiedade, porque não têm mais o controle.

**PERGUNTA:** *Como ficam as atividades no Ensino Remoto em contextos nos quais inexistente ou há escassez de acesso às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC)?*

**Airton Araújo Souza Júnior:** O Instituto Federal da Amazônia (IFAM) convidou-me para uma tarefa árdua: “Ensino Híbrido sem Tecnologia”, ou seja, sem tecnologia digital (internet), porque um lápis também é uma tecnologia. Durante a minha caminhada, eu tive a grata experiência de ter trabalhado na Educação do Campo durante alguns anos. E aí, no programa de pós-graduação aqui do IFRN, do ensino de Ciências Naturais e Matemática, eu acabei orientando alguns cursistas que trabalham na Educação no Campo e queriam adotar Ensino Híbrido, porém não tinham tecnologia digital presente na comunidade. Foram surgindo algumas soluções criativas. Entre essas soluções, eu chamaria atenção para, por exemplo: o *bluetooth*. Um professor de matemática queria adotar a sala de aula invertida e queria passar as videoaulas para os alunos, mas na escola não havia *internet* e os alunos só tinham celulares. Como fazer eles assistirem em casa? Então um aluno falou: professor

passa para mim pelo *bluetooth*? E aí todo mundo começou a compartilhar o vídeo pelo *bluetooth*.

Uma outra solução seria a mentoria. Você não precisa que todos os alunos tenham acesso. Os alunos que possuem acesso seriam os mentores de outros colegas, ou seja, um aluno assiste a videoaula e explica para o outro. A mentoria utiliza um recurso muito interessante. Sabe qual é? A maioria dos professores talvez se identifique com o que eu vou falar. Eu fiz Biologia, mas eu aprendi Biologia, mesmo, quando eu comecei a ensinar. Por quê? Porque quando você explica, você ativa várias áreas superiores do cognitivo cerebral. Dessa forma, você está dando a oportunidade de um aluno ensinar ao outro. Isso vai dar certo? Depende do professor! Depende da sua turma, depende dos alunos que você tem.

Outra estratégia é a *Cultura Maker*. Ao invés de instruir o aluno com videoaulas – que exigem acesso à internet – a sua instrução é por meio de projetos nos quais o aluno vai construir algo, vai produzir com as mãos, de forma analógica. Isso pode ter um sucesso muito grande. Por exemplo, no momento *online* (assíncrono) o aluno terá instruções para inventar um inseto, terá que buscar formas de entender o que é um inseto. No momento presencial (síncrono), os alunos irão apresentar seus insetos e o professor irá usar esses exemplos para explicar o conteúdo. É aquilo que eu digo: a educação não pode estar dentro da tecnologia, porque se a educação estiver dentro da tecnologia, sem tecnologia você não tem educação. Você tem que ter a tecnologia dentro da educação.

Por isso, antes de tudo, a primeira coisa que você tem que fazer é um diagnóstico tecnológico. Eu tenho alunos suficientes que podem aprender e ensinar ao outro? Se sim, mentoria! Ah, todos os alunos têm *bluetooth*? Se sim, *bluetooth*! Então, qual é a melhor estratégia para o seu ambiente? Quem tem essa resposta? Não sou eu! É você, professor, que vai refinar o processo, que escolherá tecnologias que são acessíveis aos seus alunos, lidando com acertos e erros.

Por fim, para aplicar o Ensino Híbrido sem tecnologia digital, temos que evitar duas coisas: primeiro, a *rigidez didática do professor*, ou seja, “eu só ensino de uma forma”. O professor tem que ouvir o aluno e tentar se adaptar, para que a sua didática seja acessível ao aluno; segundo, a *rigidez cognitiva*, onde o aluno diz que aprende só de uma forma. Por isso, é necessário estimular o aluno a viver experiências novas

de aprendizagem. Nessa flexibilização encontraremos uma correção de rota que se ajuste àquela turma, para aqueles alunos, para aquele professor.

**PERGUNTA:** *Ao falarmos das atividades para o Ensino Híbrido, neste momento de pandemia, quais seriam as dicas que você daria aos docentes que não são especialistas em TDIC?*

**Airton Araújo Souza Júnior:** Bom, como eu disse, *Educação a Distância, Ensino Remoto e Ensino Híbrido* bebem dos mesmos recursos tecnológicos, mas as concepções são diferentes. Isto posto, ao falarmos das atividades do *Ensino Híbrido* na pandemia, nós não estamos tendo *Ensino Híbrido*. O máximo que a gente está tendo é um *Ensino Remoto*, ou um ensino, eu diria, híbrido, mas que não é híbrido. [Eu diria] que o pessoal está combinando e dirigindo. Mas, se a gente for adotar o ensino híbrido, [devemos fazê-lo] com a sua essência, com a combinação de estratégias, com a combinação de habilidades e objetivos dos dois ambientes. Para um professor que não é especialista em tecnologia o que eu recomendo é criar uma rede de apoio entre os professores. É o que eu mais recomendo. Que os professores formem um laboratório colaborativo, onde colegas compartilhem as habilidades, as atualizações (recebendo atualização), um ensinando ao outro. É interessante, pois isso não é tão comum no mundo docente.

Eu tenho um hobby que é fazer cerveja. E na cultura cervejeira, quando a gente está num grupo do WhatsApp®, tem uma pergunta que é muito simples, para iniciantes mesmo: Que temperatura começa a mistura? Para quem está avançado, não importa esse tipo de pergunta. O avançado vai explicar isso direitinho, para esse amigo cervejeiro. A gente diz muito, nesse ambiente, que não existe pergunta “besta”. Não existe pergunta infantil. Faça! Não tenha vergonha de fazer uma pergunta simples. Você não precisa fazer pergunta complexa. Assim, cria-se um ambiente colaborativo.

Para os professores que não dominam tecnologia, a melhor saída é criar um ambiente colaborativo no qual ele possa oferecer e receber atualizações, discutir, selecionar, filtrar informações. Esse ambiente é fermentador e faz todo mundo crescer, porque até mesmo o avançado acaba aprendendo com o iniciante. O iniciante consegue encontrar soluções em coisas simples que o avançado nunca tinha pensado. Então, esse ambiente colaborativo é a primeira coisa.

O professor tem que perder um pouco da tecnofobia, tá certo? E explorar. Vou fazer uma analogia. Meu filho, quando tirou as rodinhas da bicicleta perguntou: "Papai, quando é que eu sei que eu sei que aprendi a andar de bicicleta sem rodinha?" Eu disse: "Quando você cair 3 vezes, depois de você cair a terceira você aprendeu. Porque só se aprende subindo na cela, só se aprende caindo, só se aprende explorando". O uso da tecnologia é algo dessa forma. O professor tem que "cair da bicicleta". Tem que explorar os recursos. Sem explorar é muita informação para ele decorar para poder usar. Então, a dica que eu dou é explore, "catuque", passe lá o dia testando, vendo. Veja vídeos no YouTube®. Tem tutorial para tudo que é de jeito.

Um dia desses eu consertei a televisão daqui de casa vendo pelo YouTube®. O cara abre e faz. O defeito é esse? O problema é nessa peça? Bote uma peça de papel. Não acreditei, não. Botei uma peça e a televisão voltou a funcionar. Ela funcionou durante muito tempo? Não muito! E depois quebrou novamente, mas eu consegui consertar lá e eu não sei nada de eletrônica.

O professor tem que se vestir desse exploratório e enfrentar o ensino remoto com prática, com generosidade (seja generoso professor, compartilhe), com criticidade (cuidado com o nível de criticidade, pois você não precisa ser muito crítico, não precisa se cobrar bastante, tenha mais empatia com você) e civilidade. Aproveite esse momento para mostrar aos alunos o seu papel, a importância que você, professor, tem, na construção de uma nação, ensinando pelo exemplo a resiliência. Ensinando pelo exemplo, pelas atitudes, que você tem suas limitações, mas que não está desistindo dele, não está desistindo do aluno. Que tá ali, tentando entregar a melhor didática possível para o seu aluno.

**PERGUNTA:** *De modo geral, como você vê o atual entendimento que as pessoas, ou que os sistemas de ensino estão demonstrando sobre o ensino remoto?*

**Airton Araújo Souza Júnior:** As minhas videoaulas têm muito disso. [Por exemplo], eu estou gravando aqui, a minha filha me interrompe, eu falo com ela e volto. Gente, voltando! E isso é a mesma coisa, quantos professores não são interrompidos na sala de aula com alguém batendo na porta. Quantos professores não são interrompidos na sala por um estrondo que aconteceu lá fora? Aí o professor tem que parar a aula e editar a aula presencial? Não! Eu não edito essas coisas, porque humanizam a minha

videoaula. Os alunos comentam: “Que lindo! A filha do professor perguntando que cor de camisa ela usaria e o professor respondendo cor tal!”. Gente, isso humaniza, isso traz o aluno para algo mais.

**PERGUNTA:** *No atual momento, do jeito que houve a apropriação sobre as atividades remotas, você afirmaria que isso pode aumentar ainda uma essa visão equivocada e sobre a EaD?*

**Airton Araújo Souza Júnior:** Não tenho como dizer, mas a sensação que eu tenho é que nós teremos uma polarização. Por quê? Porque vai ter professor que teve experiência de sucesso e vai querer ficar aplicando isso, quando tudo voltar ao normal, e vai ter professor que vai dizer “isso não presta, isso é horrível”. Esse professor, que teve o insucesso, para trazê-lo de volta à luz, vai ser muito mais complicado, porque o nível de resistência dele vai ser altíssimo. Então, eu penso que encontraremos esses três tipos de perfis: 1) Professores que, quando voltar vão dizer “eu quero continuar com isso aqui”; 2) Professores que vão ter total rejeição (infelizmente a culpa não é dele); e 3) Professores que tiveram momentos positivos e negativos.

Eu penso que não dá para eu dizer “a ferro e fogo” que vai aumentar. Talvez até diminua, porque o pessoal pode perceber que não dá para reproduzir o que se faz no presencial na EaD. Os professores vão entender que é preciso autonomia do aluno e um aluno que se forma em EaD tem habilidades cognitivas diferentes dos alunos que se formam presencialmente. Então, talvez o professor diminua um pouco a falta de entendimento dessa modalidade. De fato, quem critica a EaD não entende como ela funciona ou teve uma péssima experiência.

**PERGUNTA:** *Como você acha que os pais vão ver essa situação. Vamos pensar?*

**Airton Araújo Souza Júnior:** Se está difícil para os atores que estão envolvidos no processo, imagine o pai que teve uma formação totalmente conteudista, numa época na qual o bom profissional era aquele que retinha conteúdo, aquele que sabia mais sobre um conteúdo?

Hoje em dia, o mundo do trabalho não exige um profissional que só retenha conteúdo. Ele exige um profissional que tenha criatividade. Um profissional que tenha liderança, resiliência e saber trabalhar em equipe. Uma série de habilidades cognitivas



que a aula expositiva, tradicional e convencional, não desenvolve no aluno. E aí fica esse conflito. Então, ou o pai é aquele que está no mundo do trabalho, com olhos abertos, ouvidos aguçados, entendendo que o mundo do trabalho está mudando e exigindo um profissional com perfil diferente, ou então aquele pai não vai entender.

Nós estamos num grau de caos muito grande. Um ambiente de caos entre professores, alunos, pais, diretores, pedagogos etc. Mas, eu espero que, depois desse caos, encontremos uma oportunidade de avançar no ensino, avançar na educação. Eu espero que esse passo que “demos para trás” tenha sido para pegar impulso e dar um salto [à frente].